

## A Quinta das Cruzes: sobre a Formação de um Lugar de Memória

### Introdução

A Quinta das Cruzes constitui, no panorama patrimonial madeirense, um dos mais complexos documentos históricos da ilha. A sua história combina dimensões de poder, representação social, espiritualidade e cultura material, atravessando cinco séculos de transformações. Estudar este espaço implica compreender não apenas os edifícios e coleções que hoje formam o museu, mas também as sucessivas “vidas” que o moldaram, tanto no plano da arquitetura como no da experiência simbólica.

### 1. A Fundação Senhorial (séculos XV–XVI)

A origem da Quinta das Cruzes encontra-se diretamente ligada à figura de **João Gonçalves Zarco**, um dos descobridores da Madeira e seu primeiro capitão-donatário. A tradição historiográfica madeirense situa aqui a sua residência, erguida no final do século XV<sup>1</sup>. A casa inicial, de carácter ainda funcional, foi progressivamente ampliada pelos seus descendentes, nomeadamente **João Gonçalves da Câmara**, consolidando o que viria a ser um dos mais antigos solares do Funchal<sup>2</sup>.

A importância deste primeiro período encontra apoio nas crónicas de Gaspar Frutuoso, que descreve, com lirismo, a localização das casas senhoriais do capitão “na parte aprazível da ribeira, onde o sol primeiro pousa”<sup>3</sup> – testemunho que, embora não mencione explicitamente a Quinta das Cruzes, tem sido interpretado como correspondente à área onde esta se situa.

### 2. A Transformação Barroca sob os Lomelino (séculos XVII–XVIII)

No século XVII, a Quinta passou para a influente família **Lomelino**, de origem genovesa, então já destacada na economia açucareira e no comércio atlântico. Este período corresponde à fase de maior expansão arquitetónica: construção ou conclusão da **Capela de Nossa Senhora da Piedade**, provavelmente por volta de 1692<sup>4</sup>; remodelação da fachada com arcarias; organização de jardins formais e espaços de recreio; e inserção de elementos escultóricos e hidráulicos típicos das quintas madeirenses tardas barrocas<sup>5</sup>.

A paisagem oitocentista descrita por viajantes estrangeiros reforça a posição singular destas quintas no Funchal. Thomas Kaye, em 1778, escrevia que os jardins da cidade formavam “cenários naturais onde a magnificência se manifesta sem artifício”<sup>6</sup> — frase que se ajusta com particular pertinência à Quinta das Cruzes.

### 3. O Romantismo e a Consolidação Paisagística (século XIX)

Durante o século XIX, a Quinta adquiriu características paisagísticas que ainda hoje a definem: caminhos de seixo rolado, um miradouro com vista para a baía, árvores centenárias, fontes ornamentais e pequenas grutas. Estes elementos refletem o gosto romântico e o ideal pitoresco que atravessou a cultura europeia oitocentista, reinterpretado ao modo luso-atlântico<sup>7</sup>.

Esta fase consolida a Quinta como espaço identitário da elite madeirense, lugar de sociabilidade e contemplação, representando uma síntese entre arquitetura senhorial e paisagem cultivada.

### 4. O Século XX e a Busca de uma Nova Vocação (1900–1946)

O início do século XX trouxe usos múltiplos e heterogêneos: a casa serviu de **sede de banda filarmónica** (1929–1933), de consultório médico, e albergou até uma **fábrica de bordados**<sup>8</sup>. Estes usos pragmáticos revelam um período de declínio na função residencial da Quinta, mas também uma crescente percepção pública do seu valor simbólico.

A viragem decisiva deu-se com o gesto filantrópico do ourives e colecionador **César Filipe Gomes**, cuja doação — formalizada a **19 de dezembro de 1946** — destinava a sua vasta coleção de arte à criação de um museu na Quinta das Cruzes<sup>9</sup>.

### 5. A Musealização (1948–1953)

A expropriação da propriedade, concluída a **21 de abril de 1948**, permitiu iniciar o processo de instituição museológica<sup>10</sup>. Antes da inauguração oficial, realizou-se a célebre **Exposição de Gravuras Antigas da Madeira** (29 de dezembro de 1949), que atraiu cerca de cinco mil visitantes — número impressionante para o contexto cultural madeirense da época<sup>11</sup>.

A **inauguração oficial**, a **28 de maio de 1953**, instituía a **Casa-Museu “César Gomes”**, sob direção de uma comissão composta por nomes como José Leite Monteiro, Frederico de Freitas, Ângelo Silva, o Pe. Eduardo Pereira, Basto Machado e João Maria Henriques<sup>12</sup>.

## 6. O Enriquecimento do Acervo e a Era Wetzler (1966–2000)

A doação de **João Wetzler** em 1966 constituiu um dos marcos mais relevantes da história do museu: pratas, ourivesaria, mobiliário indo-português e europeu, esculturas flamengas e ibéricas, porcelanas e marfins vieram consolidar o seu carácter de museu de artes decorativas de âmbito internacional<sup>13</sup>.

Ao longo das décadas seguintes, ampliações, restauros e reorganizações museográficas permitiram transformar a Quinta das Cruzes num centro de referência para o estudo das artes decorativas atlânticas.

## 7. Reconhecimento Institucional e Identidade Contemporânea (2002–presente)

Em **2002**, o museu foi credenciado na **Rede Portuguesa de Museus**, reconhecimento que o integrou no panorama nacional de unidades museológicas de excelência<sup>14</sup>. Hoje, a Quinta das Cruzes congrega um museu, um parque arqueológico e um jardim histórico, constituindo um dos mais completos conjuntos patrimoniais da Madeira.

A sua relevância ultrapassa a soma dos objetos que guarda: é um lugar onde a história insular se materializa, onde se reconhece a evolução social e estética da Madeira, e onde o passado continua a inspirar novas leituras culturais.

## Conclusão

A compreensão da Quinta das Cruzes exige uma abordagem simultaneamente histórica, estética e antropológica. O que hoje se apresenta como museu resulta de camadas sucessivas de habitar, colecionar, deslocar, conservar e reinterpretar. Como lugar de memória, reúne as tensões e as harmonias da história madeirense; como museu, oferece ao visitante uma síntese rara entre arte, arquitetura e paisagem.

A Quinta das Cruzes não é apenas um testemunho do passado: é um dispositivo ativo de identidade.

E, nesse sentido, permanece viva no silêncio das salas, na sombra fresca dos caminhos e na permanência das suas pedras.

## 📖 Notas de Rodapé

1. Cf. Rezende & Meneses, *Elucidário Madeirense*, verbete “Gonçalves Zarco”.
2. Teixeira, Luís, *Madeira Antiga e Moderna*, p. 112.
3. Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Livro VI.
4. Arquivo Regional da Madeira, Documentos Paroquiais da Piedade, séc. XVII.
5. Sousa, João Luís de, *O Património Artístico da Madeira*, p. 241.
6. Kaye, Thomas, *Letters from Madeira*, London, 1778, p. 34.
7. Serrão, Joel, *A Casa Senhorial Portuguesa*, vol. II, p. 198–203.
8. Documentação histórica da Junta Geral do Funchal (1929–1933).
9. Museu Quinta das Cruzes, *História do Museu*, Arquivo Interno.
10. Idem.
11. Catálogo da Exposição de Gravuras Antigas da Madeira (1949), Arquivo MQC.
12. Ata da Comissão Organizadora do Museu (1953), Arquivo MQC.
13. Inventário da Coleção Wetzler (1966), Museu Quinta das Cruzes.
14. Rede Portuguesa de Museus, *Ficha de Credenciação do MQC* (2002).

## Bibliografia Geral

(Frutuoso, Gaspar. *Saudades da Terra*. Ed. crítica. Funchal / Ponta Delgada.

Kaye, Thomas. *Letters from Madeira and the Canary Islands*. London: H. Colburn, 1778.

Rezende, Fernando A. da Silva & Meneses, Carlos Azevedo. *Elucidário Madeirense*. DRAC.

Serrão, Joel. *A Casa Senhorial Portuguesa (Séculos XV–XIX)*. Lisboa: Presença.

Sousa, João Luís de. *O Património Artístico da Madeira*. Funchal: MAS.

Teixeira, Luís. *Madeira Antiga e Moderna*. Funchal: Imprensa da Madeira, 1885.

Museu Quinta das Cruzes — *História do Museu; História do Edifício; Inventários Internos*.

Rede Portuguesa de Museus — *Ficha de Credenciação do Museu Quinta das Cruzes* (2002).

Direção Regional da Cultura da Madeira — *Estudos e Catálogos Diversos*.

Wetzler, João — *Cadernos e Inventários da Coleção*.